

O delírio do verbo: a *bindung* e os descaminhos da palavra no processo analítico

Luciane Slomka²

*“No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos —
O verbo tem que pegar delírio.”*
(Barros, 2011).

1 INTRODUÇÃO

A motivação para a realização deste estudo reside em minha identificação e encantamento pelo universo das palavras. Originalmente era a palavra escrita, mas agora, na posição de analista em formação, são a palavra falada e seu papel de ligação de representações inconscientes e pré-conscientes a representações palavras que, ao alcançarem o status de verbo, provocam a possibilidade de abrir caminhos para a mudança psíquica em um processo analítico.

² Psicóloga, psicanalista, especialista em Psicooncologia, mestre em Medicina e Ciências da Saúde, professora do curso de Psicologia da UNISINOS, Membro provisório do CEPdePA.

A “*talking cure*” de Freud nunca pareceu tão presente e atual. Afinal, de que serve a palavra e de que forma é possível compreendê-la como fenômeno complexo e objeto metafórico, que vai muito além da vocalização de um amontoado de letras? De que maneira uma palavra simples pode, em um processo de análise, a partir de sua ressignificação, ser o gatilho de um insight que desencadeará uma série de associações valiosas?

Certamente, um processo analítico é composto por diversas vias de comunicação: das mais concretas às mais abstratas e intangíveis. Há o falado e o não falado, o esquecido, o calado, o atuado. Aqui, porém, vou privilegiar a comunicação por via da palavra falada e de que forma ela pode pôr em evidência mecanismos de ligação que passam por processos bem anteriores à verbalização de um vocábulo. Por que a palavra e como pode essa servir como autópsia de fenômenos psíquicos inconscientes? E ainda assim, sabemos, ela pode ser uma palavra vazia, desprovida de simbolização. Então como decifrá-la e qual é o nosso papel enquanto analistas nesse delicado jogo?

Freud (1981), em seu trabalho sobre as afasias, descreve a palavra como unidade da função de linguagem e esclarece que essa seria uma representação complexa, composta de elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Ressalta que esse conhecimento só foi possível a partir da patologia e que o colapso de um desses elementos da “representação de palavra” (FREUD, 1891, p. 97) é o que permitiria identificar a localização do adoecimento. À palavra corresponderia um intrincado processo associativo, em que ela conquista seu significado por meio de uma conexão (quem sabe fazendo uma aproximação com o termo aqui estudado, pode-se pensar em uma *ligação*) com a representação de objeto. Já em seu texto “*Tratamento psíquico ou anímico*” (1905), mesmo que estivesse falando em um contexto direcionado à questão da hipnose e à sugestão, o pai da Psicanálise cita que, para a execução desse tipo de tratamento, um dos meios principais seria a palavra enquanto ferramenta essencial:

O leigo achará difícil entender que distúrbios patológicos do corpo e da alma possam ser eliminados por “meras” palavras do médico [...] Mas será necessário trilhar mais um

desvio para tornar compreensível como a ciência consegue devolver à palavra pelo menos uma parte de seu antigo poder mágico (FREUD, 1905, p. 19).

Para tentar compreender melhor esse poder mágico e para dar conta de todas essas perguntas sem a ousadia de respondê-las, tomo como base a escrita do poeta Manoel de Barros (1916-2014). Uma das características marcantes da poesia de Manoel de Barros é o uso de vocabulário coloquial-rural e de uma sintaxe que privilegia a oralidade, ampliando as possibilidades expressivas e comunicativas do léxico por meio de neologismos, retomando e desenvolvendo o legado da oralidade. De forma similar, penso que a palavra, quando assumida e posta em evidência no encontro analítico, também pode ganhar uma nova roupagem, vida própria e um sentido único àquela dupla. Palavras que já existem, mas que ganham um significado singular na busca pela resolução de conflitos inconscientes.

A forma pela qual Manoel de Barros concebe as relações entre mundo empírico e literatura muito contribuiu para renovar as literaturas em línguas neolatinas, uma vez que sua obra supera as dicotomias que operam a cisão entre seres humanos e natureza, que apresentam a natureza como um ente a ser enfrentado e dominado pelos humanos. Assim, também podemos pensar as tantas dicotomias que uma análise tenta compreender: entre o dito e o não dito, o inconsciente e o consciente, o recalcado e o não recalcado. Manoel de Barros fala muito sobre o ofício do poeta e de sua relação com a palavra. Aí reside mais uma possibilidade de analogia com o ofício do analista e sua tarefa ao receber as palavras de um analisando. Este último, trazendo-as via regra fundamental da associação livre e aquele com sua contrapartida, a atenção flutuante. É em meio a essa regra fundamental e através dela que a escuta se opera. Palavras que conduzem e, ao mesmo tempo, confundem. Palavras que desvendam e, ao mesmo tempo, ocultam. Palavras que convidam e, ao mesmo tempo, repelem. Palavras que iluminam e, ao mesmo tempo, obscurecem.

O presente trabalho procurará, portanto, refletir sobre a questão da função de ligação (*Bindung*) da palavra no encontro analítico sob a ótica do contexto freudiano, mas em seu duplo sentido: por um lado, a função de ligação no sentido de acen-

der algo, tornar ligada a representação pulsional que tomará a palavra escolhida ou “acidental” que vem do analisando; por outro lado, a palavra ligação no sentido de conexão: palavra que conecta os afetos às ideias correspondentes, ou que delas foge.

Evidentemente, uma escrita teórica poderá não passar de um aglomerado de palavras técnicas se não estiver ligada a uma inquietação e quase teimosia por tentar dissecar, ao máximo possível, os meandros de um processo analítico. E como todo estudo sempre é a busca por respostas de nossa própria história, recorde aqui uma frase que meu avô sempre falava: “A palavra salva e a palavra mata”. Talvez trazendo para a realidade que estou aqui tentando elucidar e aprofundar, podemos pensar que, de fato, a palavra pode matar um sintoma a partir do que ela desvenda. Ao mesmo tempo, uma palavra que limite, aprisione pode matar a capacidade metafórica. É possível também estabelecer uma relação entre a palavra e o parricídio simbólico e constitutivo que ela aciona a partir do nomear de diferenças e do estabelecimento de novos lugares psíquicos quando algo sem nome ganha um. É nesse paradoxo que tento pensar; é através dela, da palavra, que tentamos conhecer e, ao mesmo tempo, é ela que, tantas vezes, afasta-nos da verdade de nosso inconsciente e nos confunde.

Meu negócio é com a palavra. Meu negócio é descascar as palavras, se possível, até a mais lírica semente delas. Nem uma, porém, se me entregou de nudez ainda (BARROS, 2010, p. 77).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Eu sou o rascunho de um sonho: a palavra do analisando

Nós moramos nas nossas antecedenças. De lá que a palavra nos traz. E só a invenção nos retira de lá. Saímos sempre em lanhos. Depois, é preciso limpar as palavras. Dessa forma elas são autobiográficas. Trazem nossa feição, nossos conflitos, nossos desencontros. Lá, nas nossas antecedenças, estamos nus, estamos verdadeiros (BARROS, 2010, p. 95).

Início refletindo sobre a palavra do analisando, material imprescindível através do qual o analista executa seu trabalho. Como lidamos com esse material? Estaremos dando o devido cuidado e atenção a tal palavra – a que chega aos nossos ouvidos e a que sai de nossa boca? Parte da motivação deste estudo é exatamente voltar a lançar luz sobre a delicadeza, sutileza e profundidade que a escolha de uma determinada palavra pelo analisando em detrimento de outra pode nos comunicar ou disfarçar.

Em seu trabalho “*Tratamento psíquico ou anímico*” (1890), Freud faz menção à magia da palavra, referindo-se a essa como um poderoso meio de provocar transformações anímicas naquele a quem elas são dirigidas – e, incluo aqui, naquele que as profere também, o paciente. Por isso, segue-se este trecho: “*não soa mais estranho quando se afirma que a magia das palavras pode afastar manifestações de doença, ainda mais aquelas que se originam em estados anímicos*” (FREUD, 1890, p.31, grifo nosso). Diz-nos também que o conteúdo manifesto que representa a comunicação do paciente, seja verbal, pré-verbal seja não verbal, é o substituto deformado para os pensamentos inconscientes e que essa deformação é obra das forças defensivas do ego (FREUD, 1890). Partimos do pressuposto, então, de que a palavra já nasce como uma deformação, mas, ao mesmo tempo, como uma possibilidade. Birman (1997) refere que a experiência analítica baseada na interlocução entre sujeitos, tendo em vista a problemática do paciente, pretende decifrar as dimensões da fala e da ação a partir do campo da transferência. Em “*Além do princípio do prazer*” (1920), Freud nos coloca, ao falar da compulsão à repetição, que é um equívoco a ideia de que, quando combatemos as resistências do paciente, estaríamos lidando com as resistências do inconsciente, pois o recalçado não opõe nenhuma resistência aos esforços do tratamento analítico. Ao contrário, ele apenas se esforça para livrar-se do peso que o oprime e tenta forçar passagem em direção à consciência, ou busca o escoamento através de uma ação real.

Dessa forma, é na obra supracitada que Freud faz a constatação de que a consciência poderia não ser o atributo mais universal dos processos psíquicos e, sim, uma função deles. Dessa maneira, é preciso pensar no lugar da palavra do analisando enquanto meio de ascender a esse outro lugar (esse sim, então, mais universal) onde se passam os fenômenos psíquicos que realmente interessam ao processo analítico.

Já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulo inuntem o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos capturando-o e enlaçando-o (**binden**) psiquicamente para poder então processá-lo (FREUD, 1920, p.154, grifo nosso).

Ainda em relação ao processo analítico frente ao uso da palavra, Foster (2010, p. 202) menciona que “[...] é como se as funções do ego ficassem debilitadas, penso que pelo impacto do encontro. A resistência perde um pouco do seu poder, tornando a comunicação do paciente tanto verbal como não-verbal mais delatável”.

Delouya (2007) diz-nos que adentrar a cultura significa situar-se no mundo de sujeitos, cuja convivência é regida pela castração – um limite possível de se atingir somente por um ato histórico, fruto do desejo de assassinato do pai primevo. Voltando a atenção ao pós-escrito da obra “*Psicologia de grupo e a análise do ego*” (1921), Freud menciona a importância para o grupo desse pai da horda primeva e traz seu assassinato como sendo mais importante ainda. A comunidade totêmica formada pelos irmãos assassinos estabelece uma equidade via cumplicidade culposa que institui direitos e proibições, a fim de “*preservar e expiar a lembrança do assassinato*” (FREUD, 1921, p. 146). Eis que surge um indivíduo tomado pela urgência de libertar-se do grupo e de assumir o papel do pai. Esse indivíduo seria, segundo Freud, o primeiro poeta épico. Disfarçando a verdade, cria o mito heroico, daquele que sozinho havia matado o pai. Assim, nesse assassinato corajoso, o poeta cria o primeiro ideal do ego. O poeta, portanto, traz as palavras aos homens, instituindo com elas uma nova ordem, não mais a do pai perverso e onipotente, mas a de divisão dos bens do mundo entre todos. Assim, o mito é o meio pelo qual o indivíduo se diferencia da psicologia do grupo, da massa. O ato da palavra remonta, na história, ao assassinato. Entrar na poesia, na linguagem é sair do ato e entrar no simbólico e, para que o simbolismo entre em cena, há de se perder algo. Poderíamos pensar no analisando como esse herói que, em suas histórias inventadas, recontadas, busca justamente compreender seu passado. O poeta já é o próprio herói, diz-nos Freud. E numa analogia, buscando aproximar o escritor e o poeta tema deste trabalho, Manoel de Barros, com o analisando e o herói do texto Freudiano, podemos pensar que aquilo que define o herói-ana-

lisando-poeta é justamente sua capacidade de elevar seus ouvintes ao seu nível de imaginação. “*Seus ouvintes, porém, entendem o poeta e, em virtude de terem a mesma relação de anseio pelo pai primevo, podem identificar-se com o herói*” (FREUD, 1921, p. 147, grifo nosso). Ou seja, um poeta que arrebatava seus leitores, como Manoel de Barros e tantos outros, consegue usar as palavras que nos traduzem, que traduzem esse anseio do qual nos fala Freud. Também o processo analítico pode adquirir tal poder de identificação via transferência, colocando o analista nesse mesmo lugar de ‘poeta-herói’ que o retira de uma culpa inconsciente e o traz para um processo de autonomia e de aquisição de uma identidade mais autêntica e singular, separada do grupo. Fazendo uma conexão entre o texto da Psicologia dos grupos e o conceito de *Bindung*, há uma passagem ressaltada por Luiz Hanns (1996), em seu “*Dicionário de psicanálise comentado do alemão*”, a qual diz que o pai da horda primeva, por sua intolerância sexual, compeliu todos os filhos à abstinência, forçando-os a assumir laços (*Bindungen*) inibidos em seus objetivos. Ele segue apontando que todos os vínculos (*Bindungen*) de que um grupo depende têm o caráter de instintos inibidos em seus objetivos. Percebemos aqui a variação na tradução do mesmo termo “*Bindungen*”: ora laço, ora vínculo.

Garcia-Roza (2014) nos fala de Jean Hyppolite, que, em uma conferência na Sociedade Francesa de Psicanálise, propôs uma analogia entre o percurso realizado pela consciência, desde seu momento de inconsciência-de-si até a autoconsciência e o caminho percorrido por Édipo em direção à sua verdade de parricida e incestuoso. Estamos todos tentando desvendar e, ao mesmo tempo, fugir de nossa verdade enquanto seres incompletos e falíveis. E a palavra é nosso guia nesse caminho – nos dois sentidos. Ela desvenda e oculta. Ela é quem faz o pensamento que chega à consciência ganhar voz. Ela desacomoda porque, uma vez escutada, torna-se difícil que o conteúdo por ela desvendado volte a ganhar o caráter de inconsciente. Então volto à inspiração deste trabalho, Manoel de Barros (2010, p. 28): “As nossas particularidades só podem ser universais se comandadas pela linguagem”. Somos singulares e, ao mesmo tempo, precisamos ser universais, inserirmo-nos em uma totalidade, em uma cultura e em um coletivo para existirmos e sermos compreendidos. Concomitantemente, a linguagem da psicanálise também requer um trabalho de luto, para que o universal

possa ser escutado dentro do singular de cada narrativa ouvida nos espaços onde ela circula e respira.

Pontalis (2009), em entrevista à revista *Percurso*, fala sobre uma “melancolia da linguagem” que ocorreria no momento em que a aquisição dessa nos obriga a perder, ao mesmo tempo em que tem como missão tentar nos reencontrar. Quando o homem adquire a condição de ser falante, põe em risco a perda de toda uma dimensão do *infans* que se vincula ao sensível, ao que foge do contido na palavra. “A linguagem é o luto da coisa em si e, ao mesmo tempo, leva embora esse luto”. Assim, um dos propósitos deste trabalho é justamente a tentativa de tornar mais clara esta compreensão: de que forma as palavras ditas em uma sessão de análise podem conter em si todo esse universo do não dito, do nunca antes sonhado ou posto em palavras. Mais uma vez, a palavra é apenas um dos meios – talvez o mais precioso – pelo qual buscamos acesso aos conteúdos inconscientes. O silêncio, as atuações, o engasgado também nos comunicam. Porém, essa capacidade que algumas palavras têm de, em si próprias, conter uma história inteira pode ser importante para pensarmos em como cuidamos delas no processo analítico. Cuidado está posto no sentido de respeitá-las, de deixar que ganhem vida, força e um sentido próprio a partir do discurso do analisando e de sua história. Como bem diz Viviane Mose (2011), em seu poema “Receita para lavar palavra suja”, “*Outro cuidado importante é não lavar demais as palavras sob o risco de perderem o sentido*”.

Diz-nos Alberto Loschi (20--), tradução nossa) que as palavras têm vida e que essa dimensão da palavra é seu *pathos*.

Pathos é o que a psicanálise teoriza nas coordenadas do complexo de Édipo/complexo de castração; é o que se vive com o outro, o que fica guardado na palavra como algo mudo e transborda em sua significação: o inefável na palavra. Ao pensá-la assim, a palavra se apresenta como um objeto novo, complexo em dimensões, e aberta à possibilidade de adentrarmos em sua investigação. Palavra é mais que significante, mais que significado, mais que signo, mais que símbolo, além disso -e sobretudo- é memória, memórias que ressoam em sua música e que, assim como esta, inclui o

silêncio. Essa voz muda na palavra é seu pathos, a presença do ‘outro’ na palavra, o lugar que lhe está destinado.

Pensando, então, no ‘outro’ do campo analítico, uma das pré-condições para que a transferência ocorra é o fenômeno da Associação livre, o “fale tudo que lhe vier à mente”. Freud (1913, p. 150), em suas recomendações à análise, no texto “*Sobre o início do tratamento*”, afirma que deve ser comunicado bem no início ao paciente que:

Observará que, à medida que conta coisas, ocorrer-lhe-ão diversos pensamentos que gostaria de pôr de lado [...] Ficaré tentado dizer a si mesmo que isto ou aquilo é irrelevante aqui [...] de maneira que não há necessidade de dizê-lo. Você nunca deve ceder a estas críticas, mas dizê-lo apesar delas - na verdade, deve dizê-lo exatamente porque sente aversão a fazê-lo. Posteriormente, você descobrirá e aprenderá a compreender a razão para esta exortação [...] Assim, diga tudo o que lhe passa pela mente.

Em relação à associação livre, Zimmerman (1999) enfatiza que essa deve estar muito mais livre do que a associativa, pois inconscientemente a associação pode visar a uma simples evacuação ou à mentira e até pode ter como propósito atacar as capacidades do analista. Sendo assim, a associação livre de ideias não é encarada como a única forma de o paciente permitir o acesso ao inconsciente. A regra evoluiu ao ponto de não ser mais considerada uma imposição do analista, e sim uma permissão, para que o paciente se sinta livre para falar e recriar antigas experiências, em qual possa sentir, dizer ou até, então, silenciar. Porém, sigamos pensando aqui no dizer, nosso foco de trabalho. Como ocorre a escolha – se é que, de fato, escolhemos nossas palavras na análise – do que verbalizamos ou não?

De acordo com Foster (2010), de onde estava o afeto deve advir a representação para os processos psíquicos pararem de ser entravados. Nós nos deparamos com a questão a respeito de qual seria o itinerário emprestado para se atingir esse objetivo. Freud afirma que a linguagem desempenha um papel decisivo. Porém, diz ele:

O ser humano acha na linguagem o equivalente ao ato, equivalente graças ao qual o afeto pode ser ab-reagido quase que da mesma forma. Em outros casos, são as próprias palavras que constituem o reflexo adequado, por exemplo, as queixas, a revelação de um segredo que pesa (confissão) (FREUD, 1893, p.18).

2.2 *Bindung* e a ligação da palavra

Do meu estilo, não posso fugir. É uma força que deságua. A gente aceita um vocábulo no texto não porque o procuramos, mas porque ele deságua das nossas ancestralidades. O trabalho do poeta é dar ressonância artística a esse material. Não há fugir. Estilo é estigma. É marca. Todo estilo contém nossas ancestralidades. Ninguém consegue fugir do erro que é, do acerto que é. Vou ser sempre o que me falta. Papel do poeta seja sempre o de obter o que falta nele. E falta tudo. Papel de poeta é obter uma linguagem que o complete. Esse objeto de linguagem que me completa há de ser meu estilo. Sou fiel ao erro que sou (BARROS, 2010, p .29).

Lanço mão desse trecho de Manoel de Barros para dar início à reflexão sobre o que, de fato, a palavra liga/conecta e/ou liga/acende. O *desaguar das ancestralidades* de qual ele fala é o que interessa ao analista nas palavras ditas pelo analisando. O que a palavra carrega consigo da história do sujeito. Não são poucas as vezes em que importantes insights e interpretações do analista se dão através de um incômodo ou estranhamento com determinada palavra que o analisando “escolhe” falar. Pode ser uma palavra ou uma expressão que, para ele, seja trivial ou familiar, mas que, ao ouvido do analista, traga o estranhamento e o possível caminho de chegar a conteúdos até então inacessíveis. Ambos da dupla, para que esse processo funcione de fato, precisam pensar. Mas não qualquer pensar, não um pensar intelectual meramente. Pensar é ligar energia de tal modo que seja possível distinguir interior e exterior. Essa função eminentemente econômica do pensamento deixa patente, de acordo com David-Ménard (apud HERZOG, 2003, p. 45), que isso:

[...] não é independente do prazer e do desprazer” e, ainda, que o pensamento é o que “permite mudar o regime destes últimos, pois ele próprio é uma quantidade de energia que modula o excesso das energias que afluem no sistema intermediário, dito psi. Descaracteriza-se, assim, a ideia de que pensar se reduz simplesmente à capacidade de conhecer.

Pensar, mais do que conhecer, é ligar.

Mas qual seria a definição inicial do conceito de ligação proposto por Freud? Luiz Hanns (1996), em seu “*Dicionário de psicanálise comentado do alemão*”, refere que o termo *bindung* comumente é traduzido por “ligação”, “vínculo” e ocasionalmente por “laço”, conforme apontado anteriormente no trecho da obra “*Psicologia dos grupos e análise do ego*”. Hanns cita que Freud emprega o termo em conexão com a regulação do processo primário, em que se torna necessário o controle das excitações que circulam livres e precisam ser “*fixadas/atadas para viabilizar a existência do organismo*” (HANNIS, 1996, p. 297, grifo nosso). Menciona que utiliza o termo para se referir ao que faz as pulsões ligarem-se entre si, bem como para o fato de o processo de ligar/atar pulsões a representações. Ao apontar passagens em que o termo *bindung* e suas variações é mencionado por Freud, Hanns destaca uma passagem do texto de 1915, “*A repressão*”, em que Freud escreve que existiriam suficientes motivos para supor que haveria uma repressão primeva que consistiria em negar para o representante psíquico ideacional do instinto a entrada no consciente. Tal impedimento resultaria numa fixação e, a partir disso, o representante em questão permaneceria inalterado e, assim, *ligado* (*gebunden*) a ele. Será sobre esse enlace que se desdobra o trabalho analítico? Seriam as palavras, então, um dos meios para que tal fixação possa ser liberada?

No *Projeto* (1895 [1950]), *Bindung* remete para a noção de “eu” como o que vai fixar um conjunto de neurônios com a finalidade de inibir a passagem de quantidades para evitar o desprazer que o não encontro do objeto desejado provocaria. Freud afirma que um estado ligado (*gebunden*) de um neurônio pode permitir que, mesmo diante de uma catexia elevada, apenas uma corrente pequena nele circule, a fim de evitar o excesso (FREUD, 1895 [1950]). “*Ora, o próprio ego é uma massa de neurônios dessa espécie, que se agarram a suas catexias – isto é,*

que estão em estado ligado (gebunden)” (FREUD, 1895 [1950]) apud HANNIS, 1996, p. 298, grifo nosso).

Um texto escrito às pressas, em 1895, com uma única cópia enviada a Fliess, e aparentemente “esquecido” por Freud, reúne várias das principais ideias que compõem sua obra posterior. Dentre elas, a tentativa inédita – com o caráter de fundamento – de explicitar a ligação entre somático e psíquico, ou seja, a operação de *Bindung* apresenta-se como condição de possibilidade da fundação de um aparato (HERZOG, 2003)

Garcia-Roza (2014) corrobora com esse papel fundante de *Bindung* quando trabalha os conceitos de energia livre versus energia ligada. Refere que um sistema que funcionasse segundo a modalidade de energia livre não seria capaz de se proteger frente ao excesso de estimulação e teria reduzida a sua capacidade de sobrevivência. “*Uma pura dispersão de energia é impensável*” (GARCIA-ROZA, 2014, p. 64, grifo nosso), diz ele, e seria contraditório pensar num aparelho que funcionasse de tal forma, já que o aparelho só se constitui justamente como consequência da contenção dessa dispersão. Sem a *bindung*, não haveria aparelho psíquico. Esse, em si, não é o que contém energia, mas sim o resultado de tal contenção. É a ligação (*bindung*) da energia que transforma energia livre em energia ligada e que constituirá o aparelho psíquico. Vinculando tal questão da ligação e da palavra, cabe apontar que, nos comentários do Editor Brasileiro (Hanns) que antecede o trabalho “*Pulsões e destinos da pulsão*”, de 1915, o autor enfatiza que “[...] *as pulsões aderem (binden sich, ligam-se, enlaçam-se) a representações e afetos organizados como linguagem [...]*” (FREUD, 1915, p. 140, grifo nosso).

Ainda, Garcia-Roza, em sua obra *Acaso e repetição em psicanálise (2014)*, trabalha o conceito de ligação (*bindung*) a partir de Freud. Ele corrobora com a ideia aqui trazida de que a passagem do prazer entendido como processo psicológico para o prazer entendido como princípio se daria em função da ligação, ou seja, pela contenção ao livre escoamento de excitações, transformando o estado de pura dispersão em estado de integração, o que representaria então a transformação de energia livre em energia ligada. Isso quer dizer que o eu pode ser, então, entendido enquanto capacidade de síntese regido pelo princípio do prazer; o eu realidade originária é regido pelas primeiras inscrições psíquicas.

Freud apresenta o conceito de ligação não apenas com um único sentido. Algumas vezes, ele o emprega como referência ao processo secundário ao ego e, outras vezes, utiliza-o para nomear um mecanismo próprio ao processo primário e responsável pela estruturação das fantasias primárias. Garcia-Roza aponta que são as ligações anteriores à vigência do princípio de prazer (anteriores à transformação do prazer em um princípio) que constituem um primeiro esboço de organização do Id. Mas o que isso poderia ter de relação com o presente estudo? A ideia de que talvez essa ligação primordial poderia ser o “berço” da ligação posterior, que faria a contenção dos impulsos e das ideias inconscientes, conduzindo, de formas nem sempre compreensíveis ou diretas, ao processo de palavra. Porém uma palavra será fruto mais sofisticado da ligação posta pelo autor como a *“síntese que opera a passagem de um estado de pura dispersão a estados parciais de integração ou organização no Id”* (GARCIA-ROZA, 2014, p. 50, grifo nosso). Assim, as primeiras ligações seriam para limitar e impedir o livre escoamento de excitações (sínteses passivas); reprodução e não repetição. Importante, então, a conclusão de que as ligações não são feitas no ego, mas sim são precondições para sua existência. Aqui nasce a palavra. Ao pensar na repetição como uma evolução dentro dessa lógica da construção de ligação, ênfase aqui a importância da repetição de certas palavras dentro do processo analítico, já que nelas não estão contidas passividade nem paralisia – ao contrário do que isso, muitas vezes, possa parecer aos ouvidos do analista quando este “cansa” de ouvir “sempre a mesma coisa” –, pois aí entra a palavra em transferência e contratransferência do analista, investida e trabalhada a partir dessa relação e de sua capacidade de escutar uma outra coisa diante do mesmo discurso (que será tratado posteriormente). Nesse caso, a repetição já não tem mais passividade, tem elaboração. A palavra repetida pode parecer auditivamente igual a cada colocação, mas, provavelmente, psiquicamente, a cada repetição, novas ligações se estabelecem, aproximando, cada vez mais, o conteúdo recalcado de um lugar mais próximo à consciência. Assim, cabe apontar que está se tratando aqui da repetição diferencial, essa que produz algo novo, em oposição à repetição reprodução, que vem como marca de uma vivência mortífera. É dessa repetição erótica que nos fala Garcia-Roza:

O que sem dúvida alguma é marcado pela repetição é Eros, a pulsão sexual. Assim como nosso primeiro encontro amoroso é já uma repetição, repetição de encontros que não foram vividos por nós, os demais encontros são também repetições. O sexual é o que se repete, nos diz Freud (GARCIA-ROZA, 2014, p. 51).

De acordo com Azevedo (2008) – em um trabalho da Revista Brasileira de Psicanálise, chamado “*Correspondência*”, no qual comenta acerca da obra “*Compulsão à repetição e princípio de prazer*”, de André Green –, há que se diferenciar e discriminar o sentido do verbo ligar (*binding*) de seu correlato vincular (*link*). A diferença no uso desses dois termos foi o que, na verdade, determinou a escolha da apresentação de Green, constituindo o ponto central de seus desenvolvimentos teóricos naquele momento. Green nos propõe, inicialmente, dissociar a compulsão à repetição da ação (*acting out*).

Embora o conteúdo continue a ser recorrente e a associação livre aparentemente prossiga, só o que tiver sido ligado (*binded*) poderá vir a ser representado e significado. O não-ligado (*un-binded*) – no sentido de uma repetição/reprodução, como fora mencionado – repetir-se-á num movimento “regressivo”, sem ser conhecido ou significado pelo sujeito. Mais uma vez, cabe mencionar Garcia-Roza (2014) quando aponta que a dominância da energia livre corresponderia à dominância da pulsão de morte.

Ligar, pois, no sentido de *binding*, passa a constituir um ato preparatório para que o princípio do prazer possa continuar dominante; *binding* é proposto como uma função em um nível preliminar que irá permitir a possibilidade de prazer pela descarga – muitas vezes de maneira imperceptível. Quando esse processo fracassar, os elos entre os conteúdos serão rompidos e a manifestação se tornará incompreensível; só estará sendo possível uma forma precária de descarga, que, a partir daí, repetir-se-á. Green propõe as funções de *Binding* e *Unbinding* como preliminares a qualquer movimento posterior (retomando, talvez aqui, a ideia freudiana de energia ligada e desligada), e essas preliminares já se constituem numa descarga prazerosa, a serviço do Princípio do Prazer (AZEVEDO, 2008).

A ligação (*binding*), como já foi dito, é uma função preliminar necessária, e a não-ligação (*unbinding*) acontecerá quando, devido a falhas nas atividades primitivas, o acesso de elemento pulsionais (não-ligados) ao princípio de prazer/desprazer esteja prejudicado. Nesse contexto, não será possível o alcance do prazer pela descarga e esses elementos não-ligados surgirão sob a forma do que Green descreve ao falar de *unbinding*, como estado de excitação e de desorganização no corpo e na mente.

Green refere-se a esses elementos sem mediação, sem representação e sem adiamento possível, como impulsos instintivos, algo entre corpo e mente, que se aproxima da ideia do domável – indomável; um funcionamento inconsciente cuja mais primitiva e antiga organização irá depender da necessidade de algum tipo de ligação da pulsão, para que esta possa ter acesso à descarga. Pulsão sem objeto para se ligar é pulsão de morte (AZEVEDO, 2008).

A própria organização pulsional que se pensava como algo elementar mostrase, então, complexa, muitas vezes falha e menos organizada do que necessário. Seria possível pensar que esses elementos e a função de ligar, como considerada por Green, constituir-se-iam numa forma de dar conta da origem do psíquico? Da formação da memória e do significado, posteriormente transformado em representação? E, finalmente, qual seria o lugar das palavras nesse processo se estamos afirmando aqui que todo esse cenário pulsional e inconsciente é uma inferência mítica? Talvez elas sejam os vestígios que nos indicam as trilhas a serem percorridas na esperança de chegarmos às cenas psíquicas até então inacessíveis. Por isso estou aqui a tentar desvendar o que a palavra traz consigo desses cenários ancestrais, o que ela pode carregar e o que cabe ao analista tentar escutar através dela. Porém, palavras nunca são o que soam ser. Volto a Garcia-Roza (2014) quando diz que o real da psicanálise não é um dado, mas sim uma suposição: opera como causa, mas dela só conhecemos seus efeitos distorcidos – que ele chama de máscaras. Palavras são máscaras que trazem, por detrás de si, o que podemos estar em busca. Porém, estamos sempre no escuro, no escuto, na escuta, na ausculto oculta.

Talvez a palavra enquanto função de ligação faça as duas tarefas questionadas no início: ela tanto liga no momento em que, ao existir, faz o enlace que nos livra da morte psíquica, como também acende, pois, ao acender, dar luz a um sentido

metafórico, subversivo, cria novas possibilidades de destino aos eventuais e inevitáveis traumas de nosso desenvolvimento emocional. “Acho que o inconsciente é lugar onde as palavras ainda estão se formando. Ali é o porão da poesia. Depois que a palavra sai do porão, temos que limpá-las de suas placentas. Dói mais enxugar o escuro das palavras.” (BARROS, 2010, p.166).

2.3 Nossa arte é feita de restos: a palavra do analista

*“Ao poeta penso que cabe a função de arejar as palavras.
E não deixar que morram de clichês.
Pegar as mais espolegadas, as mais prostituídas pelos lugares-
comuns e lhes dar novas sintaxes, novas companhias. (...) O
poeta precisa reaprender a errar a língua. Esse exercício poderá
também nos devolver a inocência da fala. Temos de molecar o
idioma, os idiomas. É preciso injetar nos verbos insanidades,
para que eles transmitam aos nomes os seus delírios.”*
(Barros, 2010, p. 54)

A tarefa do analista é trabalhar com os restos. Com o esquecido, com o desconsiderado, o estrangeiro que não foi convidado. Como encontrar esses restos em meio ao discurso do paciente? Ao tratar da psicopatologia da vida cotidiana, Freud escreve a respeito de “falhas” que operam no discurso dos sujeitos: palavras esquecidas, palavras trocadas, palavras suprimidas, palavras equivocadas. Assim, será possível pensarmos quais são, de fato, as palavras do inconsciente?

Já abordamos anteriormente a tarefa que cabe ao paciente em relação ao processo analítico: a regra fundamental da associação livre e a maneira como suas palavras se engrenam nesse processo. Agora cabe refletir sobre a contrapartida do analista e sobre sua capacidade de exercer a regra fundamental da Atenção Flutuante. Paim Filho & Leite (2012) retomam que Freud criou esse termo para designar a regra fundamental na esfera da técnica, de modo que o analista deve escutar o analisando sem privilegiar nenhum elemento deste e colocando em ação seu próprio inconsciente. Os autores seguem referindo que, no texto de 1900, “*A interpretação dos sonhos*”, o fundador da psicanálise reforça a importância do

psicanalista não se prender a fatos específicos, mas sim “*prestar uma atenção mais ampla aos detalhes*” (PAIM FILHO; LEITE, 2012, p.51, grifo nosso), a tudo que escapar a um discurso mais coerente ou organizado. Então, o que se pode depreender disso é que a atenção flutuante obriga o analista a transitar em zonas de seu próprio inconsciente para que se crie um vocabulário único e peculiar àquela dupla que trabalha. Freud sempre salienta que o domínio da técnica é alcançado principalmente pela experiência clínica, a qual não se restringe apenas ao atendimento de pacientes, mas também à experiência clínica da análise pessoal. “*O cuidado com a escuta de si mesmo aparece no texto freudiano como condição sine qua non para a possibilidade de exercer uma escuta em relação ao outro*” (MACEDO; FALCÃO, 2005, p. 69, grifo nosso).

Palazzo (2015, p. 125) indaga sobre como traduzir a experiência do inconsciente quando se pensa nesse espaço como uma “*terra de ninguém*”. Como pode um analista pisar nesse terreno incerto, desconhecido sem pensar no mesmo processo enquanto também um analisando em seu próprio inconsciente? Diz a autora que essa é uma viagem com destino incerto. Que palavras o analista devolve após uma escuta que perpassa tão vastos espaços: o seu inconsciente em sintonia com o inconsciente do analisando? Conforme Palazzo (2015, p. 126, grifo nosso), citando Rudolf Pannwitz (1917), “*o erro fundamental de quem traduz é conservar o estado fortuito da sua própria língua, ao invés de deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira*”. Que língua estrangeira é essa que reside no inconsciente do outro e que obriga o analista que deseja conhecê-la e traduzi-la ser capaz de reconhecer o estrangeiro em si próprio antes de qualquer coisa? A língua dos restos, a linguagem que tivemos de esquecer, a linguagem do inconsciente, do desconhecido. Segundo Blanchot (2010), o desconhecido é muito mais imprevisível do que pode ser o futuro, pois, tal como a morte, ele escapa a toda apreensão, exceto à fala, na medida em que ela não é uma apreensão nem uma captura. “*Falar o desconhecido, acolhê-lo na fala, mantendo-o desconhecido, é precisamente não o apreender, não o compreender, é recursar-se a identificá-lo...*” (BLANCHOT, 2010, p. 35, grifo nosso). Essa é a função analítica. Viver com o desconhecido diante de si é entrar nessa responsabilidade da fala que fala sem exercer qualquer forma de poder. O desconhecido (estranho – inconsciente) é esse infinito, e a fala que

o fala é fala de infinito. Infinito como o inconsciente, que jamais se esgotará em um vocabulário. A palavra falada, mesmo enquanto ligação e elaboração, sempre traz algo do estranho, do inconsciente. Falar é, sem vínculo, vincular-se ao desconhecido. O analista precisa manter-se ligado a esse desconhecido sem a pretensão de fazê-lo totalmente um algo a conhecer. Somente ligando (e repito propositalmente a palavra ligação como nova provocação ou possibilidade em relação ao título deste trabalho) seu desconhecido àquilo que é desconhecido pelo próprio paciente em si próprio é que o primeiro poderá aproximar-se do desvelamento de novas possibilidades, novos caminhos. A palavra do analista ao analisando tem de ser precedida, portanto, de sua palavra interna em seu processo analítico também.

Paim Filho & Leite (2012) nos trazem que o próprio Freud entendia como uma solicitação aparentemente difícil para os seus discípulos e seguidores a ideia de que pudessem, de fato, se entregar aos seus fluidos processos inconscientes a partir do inconsciente do analisando. Os mesmos autores também nos brindam com uma dissecação mais cuidadosa do termo “Atenção flutuante”, apontando que essas duas palavras podem soar aparentemente contraditórias. Dizem eles que “atenção” se refere a um processo de LIGAÇÃO da pulsão sexual e que seria através da regressão do analista que este seria capaz de escutar a flutuação do seu inconsciente e os derivados do inconsciente do analisando. Por outro lado, o termo “flutuante” suscita a “força disruptiva da pulsão de morte, a capacidade de DESLIGAR-SE, de romper com o discurso produzido pelo processo secundário...” (PAIM FILHO; LEITE, 2012, p. 60). Como pensar nesse trabalho que já se coloca como contraditório em suas próprias definições técnicas? Novamente estamos aqui relacionando a palavra como elo, como ponte, como esse recurso de ligação enquanto enlace dos fatores inconscientes e conscientes do analista e deste com o analisando. É através do produto da interação das palavras ditas ou não ditas do analisando (associação livre) com as palavras também ditas ou não ditas do analista (atenção flutuante) que se poderá “viver a experiência regressiva de pensar em imagens” (PAIM FILHO; LEITE, 2012, p. 60). Mais uma vez, um aparente paradoxo se apresenta: é preciso muitas palavras para se atingir um pensamento metafórico, simbólico, representado. “*O pensamento, afinal, não passa de um substituto do desejo alucinatório*” (FREUD, 1900, p. 517, grifo nosso).

Nesse sentido, Piera Aulagnier (apud BARANGER, 1992) ressalta que o analista deve se preocupar com a figurabilidade da interpretação, ou seja, com o fato de que suas palavras podem evocar para o paciente representações de coisas e afetos concretos. Em toda a análise, vão se estabelecendo palavras-chave que têm esse poder de evocar. Mas, ainda assim, mesmo essas palavras-chave fazendo uma analogia com o próprio objeto metálico chave, elas podem ter um segredo único e singular, sendo preciso, então, estar sempre pondo em xeque os sentidos já compreendidos de toda a palavra, especialmente daquela utilizada em uma sessão de análise.

Surge a questão: de que forma as pulsões provenientes do inconsciente vão se ligando a representações e, a partir disso, recebendo o status de objeto ou palavra? Diz-nos Freud, no *Projeto para uma psicologia científica*, que: “A representação de objeto nos aparece como algo não fechado e que dificilmente poderia sê-lo, enquanto a representação de palavra nos aparece como algo fechado, embora suscetível de ampliação” (FREUD, 1891, p. 212, grifo nosso). Não pareceria um paradoxo pensar na representação da palavra como um sistema fechado e na representação do objeto como aberto? Não estaria sempre – e esse é o ofício do analista – a palavra aberta e solicitante por uma releitura, uma nova roupagem? De acordo com Arnao (2008), a representação de palavra traduz uma trama de representações inconscientes. Devemos, porém, entender que tradução pressupõe duas linguagens diferenciadas, portanto um resto, uma perda, um sentido que escapam. Uma tradução aqui é uma tentativa de captar algo que, por sua natureza, sempre escapa.

Por isso, essa representação que se traduz em representação de palavra não remete a uma única representação; remete, conforme dito, a uma associação de representações. Nesse sentido, o que pode ser levado à palavra (pré-consciente) é um aspecto dessa trama de representações, o qual se liga a algumas palavras, o fio da meada. Essas representações de coisa sofreram as ações do processo primário, por um complexo jogo com outras representações de coisa, de tal maneira que aquilo que aparece ligado à representação de palavra está desfigurado – como as imagens do sonho, por esses processos.

Esse sentido está oculto, disfarçado pela representação de palavra; deve, portanto, ser desvelado, retraduzido, e essa é a tarefa do analista. “*Por isso é possível a*

interpretação, [...] não busca algo externo àquilo que se interpreta. Todo o sentido está contido no signo, no texto” (ARNAO, 2008, p. 114, grifo nosso).

1.4 Poetas e analistas: apanhadores de desperdícios

*Desinventar objetos. O pente, por exemplo.
Dar ao pente funções de não pentear.
Até que ele fique à disposição de ser uma begônia.
Ou uma gravanha.
Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.*
(Barros, 2010, p. 63)

Ao fim dessas reflexões, cabe ressaltar que o uso das poesias de Manoel de Barros como pano de fundo deu-se pela sensação de que sua obra e sua forma de lidar e de compreender as palavras muito se assemelham à forma como o analista deveria lidar com as que circulam numa sala de análise – as ditas, as não ditas, as (mal)ditas. Ser analista é ser poeta, pois exige essa maleabilidade psíquica de ir além do óbvio e, ao mesmo tempo, saber que o ser humano sofre de angústias primordiais e fundamentais. Manoel de Barros simplificava o vocábulo, buscava limpá-lo e dissecá-lo ao máximo, até que só restasse sua mais bruta essência. Como o nome do presente trabalho evidencia, ele delirava frente aos verbos e seus sentidos, o que talvez o analista também deva buscar. Defendo a busca por essa maestria no ofício do analista, mesmo sabendo que é tarefa complexa, sutil e, como diria o próprio Freud, impossível. Talvez não seja errado dizer que, ao fim de um processo analítico, o que se espera é que o analisando tenha ampliado seu vocabulário, que suas palavras ganhem elasticidade, maleabilidade, delírio. Assim como os materiais na física têm sua capacidade de resiliência, que assim seja também com as palavras; que elas suportem a tensão do existir, que possam conter angústias e que, a partir da *ligação* com outras e novas palavras e conteúdos até então obscuros, possam ter a condição de existir em pensamento. O pensar é um grande privilégio que a palavra nos concede. Quem pensa com imagens e palavras expande sua capacidade egoica. Quem pensa só com imagens atua.

Escrever um trabalho também é uma maneira de falar. Na verdade, uma maneira de tentar, antes de qualquer coisa, escutar-se. Ler o que fui capaz de produzir aqui e refletir a partir de tantas leituras só confirma o que tantos autores referenciados previamente já disseram: a palavra é fruto de acidentes, de mal-entendidos, de deslizos e, justamente por isso, é tão preciosa e precisa ao ofício do analista. Somos catadores de restos que, se não pudessem ganhar voz em um processo analítico, talvez jamais deixassem os porões do inconsciente.

Mas por que nomear essa tarefa analítica utilizando essa expressão tão bem-posta por Barros, “apanhadores de desperdícios”? Porque os desperdícios talvez sejam nossa marca mais singular. O que desliza na fala, o que é esquecido, trocado, omitido. *O estranho* (FREUD, 1919) que nos habita quando ganha status de palavra está sempre por ser interpretado, e pode parecer desalentador, ao fim de todas essas páginas, afirmar que as palavras nunca serão suficientes, que jamais darão conta de todo esse universo do estranho, o inconsciente – *mas é preciso continuar ouvindo(-se)*. O trabalho analítico, tal como nos ensinou Freud, é realmente interminável.

Quando Belchior (1971) canta que “a gente se olha, se toca e se cala e se desentende no instante em que fala”, parece clara – de forma muito mais simples e direta como só a música e a literatura sabem ser – a ideia de que são as palavras que nos aproximam e, ao mesmo tempo, geram tanto desencontro e distanciamento – do outro e de nós mesmos. Ao mesmo tempo, a palavra “desentende” pode aqui ser também lida como um novo entender, des-entender pode ser desacomodar, saber que, tratando-se de nosso mundo interno, na verdade, não se sabe. Minha ideia com o presente trabalho foi tentar restituir o status mister que a palavra tem no universo psicanalítico, podendo questioná-la, desafiná-la, não a tomar como óbvia nem em um trabalho teórico, muito menos nos discursos dos analistas e analisandos. Ao mesmo tempo, exaltá-la enquanto possibilidade de salvação, de resgate. De forma belíssima, Freud reforça a função que a palavra tem de tirar-nos da escuridão em um trecho do seu texto “As transformações da puberdade”, parte da obra “*Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”, de 1905:

Devo o esclarecimento sobre a origem da angústia infantil a um menino de três anos que certa vez ouvi rogar de um quarto escuro: ‘Titia, fale comigo! Estou com medo porque está muito escuro’. E a tia respondeu: ‘De que lhe adianta isso? Você não pode mesmo me ver’. ‘Não faz mal’, respondeu o menino, ‘quando alguém fala fica mais claro (Freud, 1905, p. 211).

As palavras de uma tia retiram o menino do escuro, mais do que sua imagem. Talvez essa seja a resposta: as palavras ressignificadas em um processo de análise protegem-nos da morte psíquica, retiram-nos da escuridão, da repetição mortífera. Como bem colocado pelo poeta inspirador deste trabalho, *“Morrer é esquecer as palavras”*. A Psicanálise devolve às palavras sua essência, liga-as com as representações pulsionais inconscientes mais profundas, nomeia angústias antes inomináveis e, por isso, dá vida.

Somos seres falantes em um mundo contemporâneo que vem levando seus indivíduos, cada vez mais, ao silêncio do ato e, menos, à palavra. E quando nos defrontamos com esta; muitas vezes, ela nos chega estereotipada, repetitiva em seu contexto mortífero. Em função disso, o título do presente trabalho convoca ao delírio do verbo. Sua desconstrução, sua escuta sob uma nova roupagem, sob a ótica do estranho, do perturbador e da busca pelo inédito.

*“O verbo tem a sua função alterada e,
a partir da alteração, delira.
Em poesia, o verbo tem que pegar delírio
se não, não acontece.
(O grande serviço que o desconhecimento, que o não-saber,
pode prestar: um estado de início, primordial, um estado de
infância, de desconhecimentos que acendem luzes).
As coisas não querem mais ser vistas
por pessoas razoáveis, medianas”
(Barros, 2011).*

Não é possível escutar a fala de um analisando como pessoas razoáveis – ensina-nos Manoel de Barros. Somente esse desconhecimento que ele defende e

que nos coloca em “primordial estado de infância”, de ingenuidade fará o analista partir em busca do que não sabe; é isso que temos de buscar. Sejamos analistas delirantes.

REFERÊNCIAS

ARNAO, M. A distinção entre representação de palavra e representação de coisa na obra freudiana. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 187-201, jul./dez. 2008.

AZEVEDO, A.M.A. Correspondência: sobre “compulsão a repetição e princípio do prazer”, de André Green. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 163-165, 2008.

BARANGER, M. A mente do analista: da escuta à interpretação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 26, n.4, 1992.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2011.

_____. **Manoel de Barros-Encontros**. Adalberto Muller (Org.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

BELCHIOR. **Hora do Almoço**. 1971. (03m52s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d_YB1PTPLcc>. Acesso em: 17 set. 2017.

BIRMAN, J. O sujeito no discurso freudiano: a crítica da representação e o critério da diferença. In: _____. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 15-42.

BLANCHOT, M. **A conversa infinita 3**: a ausência de livro, o neutro o fragmentário. São Paulo: Escuta, 2010.

DELOUYA, D. A palavra e seus poderes em Freud. **Revista em Pauta**, São Paulo, v. 30, n. 44, p. 40-44, jun. 2007.

FOSTER, M. Associação livre de ideias: via régia para o inconsciente: a especificidade do método. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 79, p. 201-216, 2010.

FREUD, S. (1890). Tratamento psíquico (tratamento anímico). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras incompletas, 6).

_____. (1891). **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Obras incompletas, 1).

_____. (1891). Palavra e coisa. Anexo C da obra O inconsciente. In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 55-60. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, 2).

_____. (1893). Estudos sobre a histeria. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p.49 (Edição Standard Brasileira, 2).

_____. (1895 [1950]). Projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição Standard Brasileira, 2).

_____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição Standard Brasileira, 4).

_____. (1905). Tratamento psíquico ou anímico. In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 6).

_____. (1913). Sobre o início do tratamento. In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 6).

_____. (1915). Pulsões e destinos da pulsão In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, 1).

_____. (1919). O estranho. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição Standard Brasileira, 17).

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 123-198. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, 2).

_____. (1921). Psicologia dos grupos e análise do ego. Pós-escrito. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição Standard Brasileira, 18).

GARCIA-ROZA, L.A. **Acaso e repetição em psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

HANNS, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. São Paulo: Imago, 1996.

HERZOG, R. O estatuto da *bindung* na contemporaneidade. **Interações**, São Paulo, v. 8, n.16, dez. 2003.

LOSCHI, A. **La palabra y sus sombras. Una investigación desde el psicoanálisis**. [20--]. Disponível em: <http://www.comunidadrussell.com/cursos/curso_descripcion.asp?CursoID=94>. Acesso em: 18 set. 2017.

MACEDO, M.; FALCAO, C.N.B. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65-76, jan./jun. 2005.

MOSE, V. **Receita para lavar palavra suja**. [20--]. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MjQ4ODc2/>>. Acesso em: 19 set. 2017.

PAIM FILHO, I.A., LEITE, L.C. **Novos tempos, velhas recomendações**: sobre a função analítica (1912-2012): Freud – 100 anos depois. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PALAZZO, L. Ecos de uma torre derrubada: reconstrução do discurso freudiano. **Calibán**: Revista Latino-Americana de Psicanálise, v. 13, n. 1, 2015.

PONTALIS, J.B. **Jean-Bertrand Pontalis na borda das palavras**. Entrevista concedida à revista Percurso. 2009. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/percurso/main/psc42/42Entrevista.html>>. Acesso em: 19 set. 2017.

ZIMERMAN, D. E. O que mudou nas “regras técnicas” legadas por Freud? In: _____. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 291-299.